

# Revista Adventista

Órgão da União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia

## Significado espiritual da Campanha do Outono



A Campanha do Outono apresenta-se todos os anos no nosso calendário com uma regularidade matemática. Para alguns talvez represente um período de árduo labor. Sem dúvida que ela exige um real esforço. Mas todo o empreendimento de valor requer trabalho intenso.

Há porém um aspecto muito mais amplo pelo qual a Campanha deve ser encarada. Há um significado espiritual que domina todo o esforço que ela exige para obter os resultados em vista. Nos campos missionários do mundo inteiro, grandes bênçãos têm sido derramadas sobre muitas almas ao aceitarem o Senhor Jesus e prepararem-se para o Seu reino. Estas bênçãos são o resultado directo da Campanha do Outono feita em nossos países. Sem os fundos derivados deste trabalho, muitas almas ficariam privadas da possibilidade de ouvir a nossa mensagem.

Tem-se dest'arte provido às despesas de centenas de missionários, que doutra sorte não poderiam ter sido mandados a pregar a mensagem aos que jazem nas trevas. Portanto o fim e objectivo directos da Campanha do Outono é estender a influência salvadora da mensagem do Evangelho a todo o mundo. O pensamento de que almas estão sendo preparadas para o reino de Deus e se ajuntarão para a vinda do Senhor traz consigo o maior significado espiritual.

Essencialmente esta obra é uma obra de salvação de almas. Mas isto não se refere apenas aos campos missionários beneficiados por estes fundos. Multidões de pessoas que nunca antes ouviram a nossa mensagem são ganhas entre nós como resultado directo do seu contacto com os nossos membros fiéis quando se ocupam nesta obra. Temos encontrado muitas destas pessoas espalhadas pelas nossas igrejas. Ale-

gram-se hoje connosco e participam das bênçãos desta verdade porque ela lhes foi levada por alguém que se ocupava na Campanha do Outono. Mais uma vez aqui vemos o significado espiritual da Campanha do Outono. Muitas destas almas por sua vez transformam-se em zelosos obreiros missionários, acrescentando os seus esforços aos dos fiéis que lhes levaram a êles a mensagem. Assim se multiplicam e estendem as bênçãos.

Outra razão, pela qual esta obra tem autêntico significado espiritual, está nas bênçãos disfrutadas por aquêles que pessoalmente se unem aos seus colegas na fé nesta e noutras formas de esforço missionário. Tem-se dito que é melhor cansar-se *no* serviço de Deus do que cansar-se *do* serviço de Deus. Lemos do próprio Mestre que se fatigava como consequência dos Seus trabalhos, e todavia achava o maior deleite em socorrer as almas necessitadas. Assim podem aquêles que seguem nos Seus passos, ainda que laboriosamente e talvez penosamente vão após Êle, encontrar grandes bênçãos neste próprio serviço.

Quando os registos do céu forem revelados e tivermos o privilégio de ver o que foi realizado na salvação das almas pelos esforços por nós empregados, teremos ampla razão para nos alegrarmos e agradecer a Deus o ter-nos concedido o privilégio de participar nas provas e fadigas do Seu serviço na terra, para que pudéssemos participar dos triunfos e alegrias do céu.

Há um grande significado espiritual na Campanha do Outono, como de facto há em cada ramo de serviço que contribua para edificar e estender a causa de Deus através da terra.

**J. L. McElhany**

*Presidente da Conferência Geral*

## Poderá basear-se na Bíblia o apêlo em favor das Missões?

1. Deus toma-nos como Seus cooperadores. 1 Cor 3:9.

2. Êle tem uma obra própria. Luc. 2:49.

a) Ê é uma obra que concerne a salvação. Luc. 19:10.

b) Êle mesmo se ocupou nela. João 5:17.

3. Nos tempos antigos confiou-a a Abraão e a seus descendentes. Mat. 21:33.

a) Êstes não fizeram render o trabalho que lhes fôra confiado. Mat. 21:34.

b) Êle enviou agentes para visitar Seus servos. Mat. 21:35.

4. Finalmente tomou Seu Filho sôbre Si esta tarefa. Mat. 21:37; João 3:16.

a) Jesus foi muito activo na Sua obra. João 4:34.

b) Interessou-se em a levar a têrmo. João 9:4.

c) Finalmente deu esta obra por terminada. João 17:4.

5. Confiou-a a Seus discípulos como administradores. Mat. 21:41; João 17:18.

«Quando Jesus subiu ao céu confiou a sua obra na terra àqueles que receberam a luz do Evangelho. Deviam levar a obra até ao seu têrmo. Não escolheu outra agência para a promulgação da sua verdade» (*Historical Sketches*, p. 288).

a) A apostasia introduziu-se no 4.º século e quasi arruinou a obra.

b) Veio depois a Reforma, que lhe deu um novo impulso. Apoc. 2:13.

6 Em 1844 chegou para os Adventistas do Sétimo Dia a vez de entrar em acção. Apoc. 10:11; 14:6,7.

a) Ê-nos mandado que sejamos zelosos nesta causa. Tito 2:14.

7. Deus colocou o Seu capital aqui neste mundo. Mat. 25:14; Marc. 13:34.

a) A terra com a sua plenitude é de Deus. Salm. 50:10 12.

b) Todo o gado Lhe pertence. Ib.

c) A prata e o ouro são Seus. Ageu 2:8.

8. Os homens do mundo têm a tarefa de ajuntar êste dinheiro para nos dar, aos administradores de Deus. Ecl. 2:26; Job 27:16,17.

9. Quando Êle organizou a Sua obra no comêço forneceu o capital, e reclamou alguns dos Seus empréstimos.

a) Falou disso a Abraão Gen. 15:14.

b) Explicou o Seu desígnio a Moisés. Ex. 3:21.

10. O povo devia ir solicitar dinheiro...

a) Era um tempo de angústia. Ex. 7:8,9.

b) Moisés deu ordem para recolher vasos. Ex. 11:2.

c) O povo pôs-se à obra. Ex. 12:35.

d) Realizou um trabalho notável. Sal. 105:37.

e) Pôde assim financiar as despesas com o Santuário. Ex. 36:5.

11. O acabamento da obra exige dinheiro.

a) O capital de Deus está sendo mal usado no mundo — em tabaco, álcool, ostentação, traje.

b) Está acumulado nas mãos dos ricos. Tiago 5:3.

c) O povo deve estar disposto a ajuntá-lo. Sal. 110:3.

d) A riqueza das nações deve afluir para nós para nos auxiliar a terminar a obra. Isaías 60:6,9,11,17.

e) Muitas almas hão-de ser convertidas no fim. Isaías 60:4,5.

12. Deus abençoará os que empregarem o seu capital na Sua obra. Luc. 7:4,5; Mat. 10:11.

13. Deus dará público reconhecimento à fidelidade em Lhe dar o que Lhe pertence. Mat. 25:34-40.

## O QUE NOS RESTA FAZER

A-pesar-de a alegria e a coragem encherem nossos corações ao pensarmos que a proclamação da última mensagem de advertência e misericórdia toca o seu fim, e a-pesar-de se constatar que têm sido conseguidos resultados notáveis e maravilhosos, no entanto há ainda grandes extensões da terra onde nunca se ouviu a boa nova levada por missionário algum, onde nenhuma língua anunciou ainda a iminente volta de Cristo.

Mesmo nos continentes e nas ilhas onde a mensagem se estabeleceu mais sòlidamente, há territórios inexplorados que aguardam os enviados de Cristo nosso Senhor. Em nossas visitas às Divisões de além-mar, de cada vez nos tornamos mais conscientes dêste facto. A-pesar-de tudo o que se tem realizado, resta ainda um esforço supremo e gigantesco para coroar a obra do passado.

Uma igreja activa, em nossos países, devia e deve servir de elo favorecendo os meios para manter e aumentar o exército dos obreiros do Evangelho espalhados pelo mundo inteiro.

E que ocasião única a Campanha do Outono oferece para obter os meios financeiros que permitirão responder aos apelos incessantes e de cada vez mais numerosos! Sim, verdadei-

ramente, o Comité das Missões teve razão para agradecer a Deus esta idéia da Campanha do Outono que, no decurso dos anos, tem contribuído de maneira tão eficaz para fornecer recursos para o tesouro. Em tôda a superfície do globo, milhares de pessoas se regozijam na verdade, e que teriam ficado nas trevas sem a cooperação fiel dos obreiros e dos crentes, que fazem da Campanha do Outono um factor tão importante na extensão da obra de Deus.

Os acontecimentos dos últimos meses imprimiram a convicção do próximo fim de tôdas as coisas, não só no coração dos Adventistas do Sétimo Dia, mas de todos os que hoje reflectem seriamente. Êles foram preditos muito tempo antes, e eis que rapidamente se realizam. As multidões estão «no vale da decisão». «Milhares, milhões de almas tomam agora partido para a vida ou para a morte eterna.» (*Test.*, vol. VI, p. 406).

Crendo que êste esforço da Campanha do Outono não deveria ocupar um período que excedesse algumas semanas ou alguns meses, dirigimos um apêlo a cada membro para fazer desta campanha — a trigésima terceira — a

mais curta de tôdas, mas também a mais frutuosa. Se o tempo fôr equitativamente distribuído, cremos que, em regra geral, o alvo individual e o da igreja podem ser atingidos em duas ou três semanas.

Na Europa do Sul, temos um exército de mais de trinta mil membros. A cada um dêles lançamos um apêlo para uma cooperação fraterna e espontânea nesta campanha que se vai abrir.

Se cremos verdadeiramente que uma alma é infinitamente mais preciosa do que nenhum tesouro terrestre, como trabalharemos com fervor na obra de nosso Pai! E, enquanto nos empenhamos nesta obra, tenhamos presente no espírito o pensamento de que os anjos, com um ardor impaciente, esperam o nosso auxílio; é pelo homem que o céu comunica com o homem. «E quando nos oferecemos a Cristo por uma consagração sem reservas, os anjos alegram-se em poder tornar conhecido o nome de Deus pelas nossas palavras.» (*Desire of Ages*, p. 297).

**Steen Rasmussen**

*Secretário do Departamento da Missão Interior da Conferência Geral*

## Semana de Consagração

Como o successo da Campanha do Outono depende da bênção de Deus sôbre o serviço consagrado de obreiros e membros de igreja.

*Recomendamos* 1. Que seja observada uma Semana de Consagração para a Campanha do Outono em tôdas as nossas igrejas da Europa do Sul imediatamente antes do início da Campanha, e que onde fôr possível a igreja se reúna três noites durante a Semana, pedindo a Deus a preparação necessária para fazer a obra com successo e orar para que o Espírito de Deus impressione os homens de meios e o público em geral, para dar liberalmente fundos em resposta ao apêlo para a Colecta do Outono.

*Departamento da Missão Interior  
Divisão Sul-Europeia*

### Sôbre a Semana de Consagração

«Se os cristãos agissem de acôrdo, movendo se como um só homem, sob a direcção de um só poder, para a realização de um objectivo moveriam o mundo.» (*Test.* vol. IX, p. 221).

A oração deve ir a par com a acção. Durante esta semana e através de tôda a Campanha, as nossas igrejas deviam unir se numa grande união de oração, orando pelo successo da Campanha e pela salvação das almas. Se sempre foi precisa a oração, mais precisa é agora.

Nunca dantes o mundo teve maior necessidade do Evangelho do que no tempo presente. A semana que imediatamente precede o começo da Campanha devia ser observada em tôdas as nossas igrejas como uma semana de oração e consagração. Sugerimos que os membros se reúnam ao menos duas ou três noites durante a Semana, para pedir a Deus auxílio e preparação espiritual que os tornará aptos a apresentar convenientemente as necessidades da Causa de Deus, e orar para que o Espírito de Deus possa impressionar aqueles que possuem meios, assim como o público em geral, a fazer uma dádiva liberal para o fundo da Campanha.

Que êste seja o objectivo da oração nas igrejas, nas reuniões de oração e nos grupos de oração, assim como no altar da família especialmente durante esta semana. Não ousemos entrar na Campanha dêste ano sem muita oração e consagração completa.

### Nós cooperamos com os anjos

«Com uma ansiedade quási impaciente os anjos aguardam a nossa cooperação; porque o homem deve ser o canal para comunicar com o homem. E quando a nós mesmos nos damos a Cristo com inteira devoção os anjos alegram-se porque podem falar através das nossas vo-

# Sôbre Apocalipse 7:1-3

Como a guerra está minando certas partes do mundo e ameaçando envolver outras, alguns irmãos e irmãs têm-se achado perplexos sôbre a aplicação da profecia de Apocalipse 7:1-3:

«E depois destas coisas vi quatro anjos, que estavam sôbre os quatro cantos da terra, re-tendo os quatro ventos da terra, para que nenhum vento soprasse sôbre a terra, nem sôbre o mar, nem contra árvore alguma.

«E vi outro anjo subir da banda do sol nascente, e que tinha o sêlo de Deus vivo; e clamou com grande voz aos quatro anjos, a quem fôra dado o poder de danificar a terra e o mar.

«Dizendo: Não danifiqueis a terra, nem o mar, nem as árvores, até que hajamos assinalado nas suas testas os servos do nosso Deus».

Alguns têm evidentemente tirado a conclusão, ao ler esta passagem, de que não haverá guerra grave durante os últimos dias da história desta terra até que o Armagedon se desencadeie em tôda a sua fúria sôbre êste mundo imediatamente antes do aparecimento de Cristo nas nuvens do céu. Quando porém esta passagem é estudada em confronto com Mateus 24, Lucas 21 e outras passagens, assim como com as afirmações do Espírito de Profecia, torna-se claro que êstes versículos não devem ser

zes para revelar o amor de Deus.» (*The Desire of Ages*, p. 297).

«Todos os que se empenham no ministério são a mão auxiliadora de Deus. São cooperadores dos anjos; ou antes, são as agências humanas pelas quais os anjos realizam a sua missão. Os anjos falam através das suas vozes, e pelas suas mãos. E os obreiros humanos, cooperando com os agências celestiais, beneficiam na sua educação e experiência.» (*Education*, p. 271).

## Como Deus olha para os que não cooperam

«O Senhor aborrece a indiferença e a deslealdade num tempo de crise para a Sua obra.» (*Prophets and Kings*, p. 148).

## Alvo para a Camp. de Outono

Pela Divisão foi indicado como alvo financeiro para a Campanha de 1940 em tôda a União Portuguesa: Esc. 28.968\$00.

entendidos como afirmando que os anjos foram comissionados para prevenir tôda a guerra nos últimos dias, mas antes que em obediência às ordens divinas devem prevenir as guerras violentas dêstes perigosos tempos de se desenvolver em Armagedon antes que a obra de selagem de Apocalipse 14 tenha sido realizada em tôda a terra. Êste pensamento é claramente afirmado no seguinte parágrafo:

«Encontramo-nos no limiar de grandes e solenes acontecimentos. As profecias estão-se cumprindo. Estranha, extraordinária história está sendo registado nos livros do céu. Tudo no nosso mundo está em agitação. Há guerras e rumores de guerras. As nações estão ansiosas, e o tempo dos mortos chegou, para serem julgados. Acontecimentos estão preparando o dia do Senhor, que se apressa grandemente. Parece restar apenas um momento. Mas embora já se esteja levantando nação contra nação, e reino contra reino, ainda não há um combate geral. Por enquanto os quatro ventos estão retidos até que os servos de Deus sejam assinalados nas suas testas. Então os poderes da terra disporão suas fôrças para a última grande batalha.» (*Test.* vol. VI, p. 14).

As guerras devastadoras que estão agora semeando a morte e a destruição na Europa e na China são apenas um cumprimento das profecias relativas aos nossos tempos. O que está tomando lugar perante os nossos olhos no tempo presente é exactamente o que há muito temos prêgado que se realizaria. Em vez de olhar para um grande período de ininterrupta paz e prosperidade, devemos esperar que os dias finais da história dêste mundo sejam escuros e tempestuosos.

Ê evidente que os espíritos de demónios têm estado à obra no mundo espalhando sementes de má compreensão, descônfiança, inveja e ódio entre as nações. Têm-se feito, e estão-se fazendo em todo o mundo, assombrosos preparativos para a guerra. Já a tempestade se desencadeou, e só Deus sabe até onde ela chegará. Uma coisa é certa: se não fôr reprimido por um poder divino, Satanás envolverá sem demora o mundo inteiro num conflito suicida. Êste revoltado contra Deus e fidalgal inimigo das almas humanas está trabalhando com todo o seu poder para destruir tôda a família humana da face da terra antes que Deus, através da Sua igreja, possa atingir os povos de tôdas as nações, raças e línguas com a Sua última mensagem de aviso e salvação.

Para a igreja de Deus, êstes são tempos momentosos. Satanás e tôda a sua hoste ma-

ligna está-se esforçando com grande poder para a impossibilitar de acabar a obra que lhe foi confiada por Deus. Como nunca dantes, a igreja remanescente necessita de auxílio divino. Para êste auxílio devemos agora recorrer a Deus fervorosos e unidos. O Mesmo que ensinou a igreja apostólica a pedir a intervenção de Deus em sua ajuda, quando Jerusalém devia ser destruída, admoestou-nos também a orar pela divina intervenção neste tempo. Comentando a passagem de Apocalipse 7:1-3, a Irmã White escreveu: «E'-nos aqui indicada a obra que devemos fazer. Uma vasta responsabilidade pesa sôbre homens e mulheres de oração através do mundo, para pedir a Deus que dissipe as nuvens do mal, e dê mais alguns anos de graça em que trabalheemos pelo Mestre. Imploremos a Deus que os anjos retenham os quatro ventos até que missionários sejam enviados a tôdas as partes da terra, e proclamem a advertência contra a desobediência à lei de Jeová». (*Test.*, vol. V, pp. 717 e 718).

Não só é êste um tempo para oração, mas é também um tempo para a acção. O Senhor disse-nos: «Enquanto os anjos detêm os quatro ventos, nós devemos trabalhar com tôdas as nossas capacidades. Devemos levar a nossa mensagem sem nenhuma demora... Ao verdes o perigo e a miséria do mundo sob a operação de Satanás, não esgoteis as energias que Deus vos deu em estêreis lamentações, mas ide trabalhar para vós e para os outros. Despertai, e senti uma responsabilidade por aquêles que estão perecendo.. Uma alma é de mais valor para o céu do que um mundo inteiro de propriedade, casas, terras, dinheiro». (*Test.* vol. VI, pp. 21, 22).

Deus permita que um espírito de oração, sacrifício e trabalho possa apossar-se dos corações de Seu povo a partir de já. Enquanto Deus e Seus anjos estão prontos a cooperar connosco, levantemo-nos e concluamos a nossa tarefa.

**A. V. Olson**

*Presidente da Divisão Sul Europeia*

## A P O N T U A Ç Ã O

(Continuação do primeiro número)

A Bíblia é um livro inspirado no sentido mais amplo, mais profundo que se possa dar à palavra. Não quer isto de modo algum dizer que os escritores sagrados tenham recebido do céu uma linguagem composta de palavras de outro dialecto diferente daquele que falavam em seu tempo e na sua terra. O autor destas linhas teve o privilégio de passar dez bons anos no país bíblico, isto é, nas terras onde viveram os escritores sagrados. Ligou a sua vida a uma professora de grego antigo e moderno, professora que fêz seus estudos no próprio país, onde as línguas pouco evoluíram. E na vida cotidiana dos povos que vivem no Próximo Oriente encontram-se, em nosso século XX, as mesmas expressões, os mesmos costumes do tempo em que o Filho de Maria percorria as ruas de Nazareth e as de Capernaúm.

Esta longa estadia nos países de costumes bíblicos permitiu-nos rever, corrigir algumas interpretações, sinceras sem dúvida, mas quantas vezes fantasistas.

No que diz respeito à pontuação recolhemos ali algumas anedotas, particularmente saborosas quando ditas na língua do país. Desejamos traduzir uma para edificação dos nossos leitores

amigos, e controversistas. Procuraremos fazê-lo o mais literalmente possível para conservar o sabor e o gosto local.

Um pachá tinha um filho. Procurou-lhe um hodja, quer dizer um professor, para lhe fazer dar uma boa instrução. O professor deu-se ao trabalho, e ao cabo de alguns meses o filho do pachá podia escrever e ler. Seu pai quis constatar os progressos obtidos e disse-lhe para ler qualquer coisa escrita por êle mesmo. O filho pegou no caderno de ditado e leu como se segue:

«Meu filho, instrue-te, como teu pai não fiques um burro!...» O pachá interrompeu-o logo. Não queria já ouvir mais. Rubro de cólera, mandou que fôssem chamar o insolente professor que se tinha permitido ditar tais insultos a seu filho. O hodja veio, e ficou muito surpreendido com a cólera do homem. Ouviu, com a cabeça inclinada, como é costume, tôdas as reprimendas que lhe foram dirigidas pelo todo-poderoso pachá. E quando a primeira borrasca tinha passado, pediu licença para ler, êle mesmo, o ditado que era causa dessa terrível cólera. O caderno passou de mãos, a pontuação foi posta em seu lugar, e a harmonia e a paz retomaram também os seus lugares. O

hodja leu as mesmas palavras, e elas diziam isto :

«Meu filho, instrue-te como teu pai, não fiques um burro.»

Sem malícia, por ignorância, o aluno pôs uma pequena vírgula depois da palavra *instrue te*, quando a devia colocar depois de *pai*, e tanto bastou para pôr em risco a vida do hodja.

Pela gravura do texto, de S. Lucas 23, tirada de um dos mais antigos manuscritos que possuímos, fac-similada de uma parte do capítulo, nossos leitores, sobretudo nossos controversistas, poderão dar-se conta — serão a isso obrigados — de que os manuscritos dos primeiros séculos careciam totalmente de pontuação.

Tome-se uma boa lupa — as duas linhas sublinhadas são-no por nós — e examine-se. As duas linhas marcam para os que sabem ler o *grego koiné* a frase em litígio, aquela em que o Senhor Jesus disse ao ladrão :

ΑΜΗΝ Ε ΓΩ ΣΟΙ ΣΗΜΕΡΟΝ ΜΕΤ'  
ΤΕΜΟΥ ΕΣΤΗ ΕΝ Τῷ ΠΑΡΑΔΕΙΣΩ

E note-se: 1. que não há a sombra de uma pontuação; 2. que as letras são tôdas maiúsculas; 3. que as palavras não são separadas umas das outras; 4. que no fim da primeira linha se cortou o MET num lugar impróprio.

Estas constatações são provas materiais irrefutáveis de que a disposição de nossas bíblias actuais é uma disposição feita, convencionada, pelos copistas e tradutores. As separações, formação de frases por meio de pontos, pontos e vírgulas, pontos de interrogação, exclamações e *vírgulas* são obra dos séculos que decorreram sobre os trabalhos dos escritores sagrados. O mesmo se diga a respeito da divisão dos capítulos.

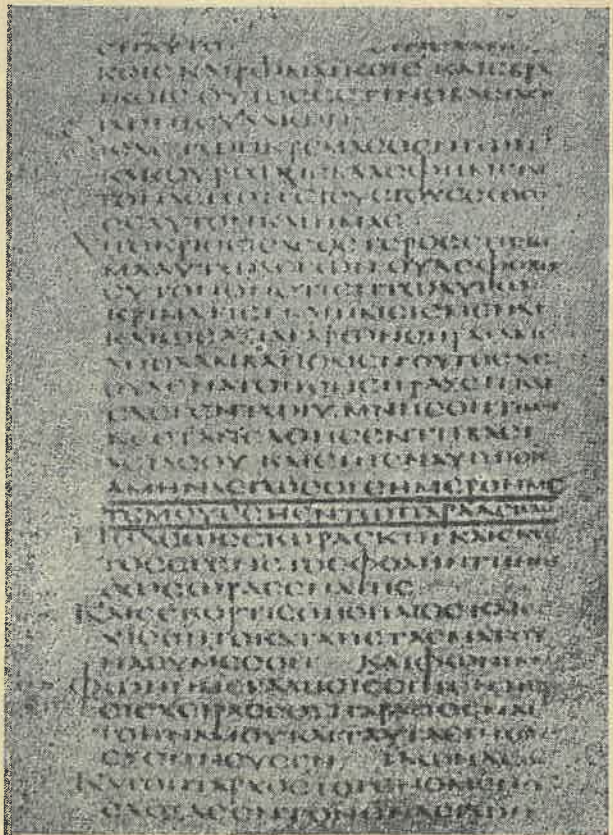
Agora vamos tomar a frase em litígio e fazer obra análoga à dos tradutores. Nosso trabalho se fará em três tempos; 1. separação das palavras; 2. tradução literal; 3. pontuação a-fim-de deixar o texto em harmonia com a S. Escritura.

Texto grego com as palavras separadas e letras minúsculas :

Ἄμην λέγω σοι σήμερον μετ'  
Em verdade, eu digo a ti hoje com

ἑμοῦ ἔσθαι ἐν τῷ παραδείσῳ.  
migo estarás em o Paraíso.

Pontuação correcta: «Em verdade te digo a ti hoje, comigo estarás no paraíso.»



Um antigo manuscrito da Bíblia

A passagem sublinhada é o v. 43, do c. 23, do Evangelho de S. Lucas.

Pontuação incorrecta: «Em verdade te digo a ti, hoje estarás comigo no paraíso.»

Não teremos o direito de dizer que a nossa pontuação é correcta e que a da multidão dos partidários da sobrevivência imediata do espírito, ou da alma, é falsa? O próprio texto o diz de maneira positiva aos que têm ouvidos para ouvir e olhos para ver.

Qual é a súplica do bom ladrão — que pleonasmo — queremos dizer, do ladrão convertido? «Lembra-te de mim, quando entrares no Teu reino.»

O recém-convertido suplica ao Salvador que se lembre do ladrão arrependido quando Êle, Cristo, vier estabelecer o Seu reino. Há quasi dois mil anos que esta súplica foi dirigida ao Salvador do mundo, ao Filho de Deus, e durante estes dois mil anos todos os verdadeiros cristãos têm dito ao mesmo Salvador: *Venha o Teu reino*, mas êle ainda não veio.

A morte do Calvário não era a entrada de Cristo no Seu reino, e essa tenebrosa sexta-feira não foi a aurora dos dias gloriosos de Cristo-Rei! Foi um dia de luto para o céu, e sobre a terra o triunfo do príncipe das trevas.

Jesus expirou, como expiram os homens de que Êle tinha revestido a humanidade. Entrou na morada dos mortos, como os patriarcas. Que o turbulento e sábio escolástico, Sr. Nogueira, e com êle a redacção do *Portugal Novo* façam tantas perguntas insidiosas quantas queiram. Perguntem aos quatro pontos cardiais: *Deus morreu?* . . . Dir-lhe-emos simplesmente, com uma multidão de sábios teólogos, de diferentes comunidades protestantes, que a morte de Cristo foi real, foi uma morte, cessação de vida, como sua ressurreição foi um facto, seu regresso à vida uma realidade. O mundo recebeu a oferta de salvação pelo *Sangue de Deus* (Act. 20:28).

Sobre a cruz Jesus conheceu as vascas da agonia humana e divina ao mesmo tempo. Suas palavras, as últimas pronunciadas em nossa humanidade, são, por si sós, um argumento contra a sobrevivência imediata. «Pai, em Tuas mãos entrego o meu espírito. . .» Jesus entrega a sua vida, seu sôpro de vida, seu espírito, nas mãos do Pai. Entregar uma coisa é deixar de a possuir: é separar-se dela por algum tempo, longo ou curto. Isto, parece-nos, é encontrar-nos no domínio da lógica.

No primeiro dia da semana que se seguiu ao drama do Gólgota, encontrámos uma mulher, uma Maria, no jardim de José de Arimateia, e ali produziu-se o encontro do vencedor do túmulo com esta mulher. Passa-se ali um diálogo que deve ser pôsto em paralelo com o que teve lugar na sexta-feira, entre os dois crucificados, Cristo e o ladrão. A êste disse Cristo, segundo pretendem certas pessoas, a massa, a maioria: «Hoje estarás comigo no Paraíso. . .» e a Maria disse: «Não me toques, porque ainda não subi para Meu Pai, mas vai para Meus irmãos, e dize-lhes que Eu subo para Meu Pai e vosso Pai, Meu Deus e vosso Deus.» (S. João 20:17).

Não, três vezes não! Jesus não pode ter dito ao ladrão: «Hoje estarás comigo no Paraíso, hoje, nesta sexta-feira, dentro de alguns minutos» e no primeiro dia da semana seguinte a Maria: «. . . não me toques, **porque ainda não subi para meu Pai.**» Êle teria enganado ou num ou noutro caso!

Mas eu vejo sorrir os que teimam com a sobrevivência imediata da alma, ou do espírito. Hão-de me dizer: «V. não tem razão! . . . Jesus foi ao céu, em espírito, desincarnado, na sexta-feira à tarde. . . e no domingo de manhã voltou em carne e osso. . . Vêde como é simples!» Assim desenha quadros a mais pueril fantasia! Depois pega-se na pena e escreve-se sem o menor remorso de consciência: «Nós somos os bons protestantes. . . somos os verdadeiros evangélicos», ou coisas semelhantes.

Mas o Salvador preveniu tôdas estas patucaadas, todos estes erros, tôda esta apostasia,

tudo êste abandono do terreno claro e sólido que são as Santas Escrituras. Êle sabia que as teorias neo-platónicas que invadiram a massa intelectual do paganismo viriam assaltar o cristianismo. Por isso teve o cuidado de dizer onde passaria os dias e as horas da Sua morte. «Pois, como Jonas esteve três dias e três noites no ventre da baleia, **assim estará o Filho do homem três dias e três noites no seio da terra.**» (Mat. 12:40).

E agora cabe-nos a vez de perguntar: Que parte de Jesus esteve no túmulo? Êle disse: «O Filho do homem estará no seio da terra. . .»

Qual é a parte que compõe a identidade de Jesus? Foi o corpo de Cristo, o material que voltou à vida, ou a personalidade do Redentor que o Pai fêz ressurgir do túmulo?

Quanto a nós, Adventistas, evangélicos até à medula dos ossos, estamos certos de que a morada de Cristo, entre a hora da Sua morte e a da Sua ressurreição foi o túmulo de José de Arimateia. Esta certeza não é uma criação de nossa teologia, mas a fé nas declarações de nosso único Mestre, Jesus.

Mas Jesus entrou numa outra morada. Entrou no céu. Está ali porque o Pai o disse: «Assenta-Te à Minha direita até que Eu ponha os Teus inimigos por escabelo dos Teus pés.» (Mat. 22:44). «O Senhor, depois de lhes ter falado, foi recebido no céu, e assentou-se à direita de Deus. . .» (Marc. 16:19).

Mas Êle voltará do céu no tempo determinado por Seu Pai. Voltará para buscar o ladrão convertido na cruz. Voltará para buscar os apóstolos assim como todos os remidos do Senhor. Êle mesmo dissera: «Vou preparar-vos lugar. E se eu fôr e vos preparar lugar, virei outra vez e vos levarei para Mim mesmo, para que onde eu estiver estejais vós também.» (João 14:3).

O pastor baptista, Rubens Saillens, escreveu, e muito bem, num dos seus cânticos:

Nous mourrons, mais pour renaître,  
La mort n'est qu'un doux sommeil.  
Bientôt Jésus va paraître  
Ce sera le grand réveil!

E é por isso que há no mundo uma igreja adventista, uma igreja que anuncia que Jesus vai voltar em breve, e que em breve os túmulos dos justos se abrirão para deixar sair os que adormeceram nos braços do Seu Salvador. E de tôda a nossa alma dizemos com S. João: «Amen. Vem, Senhor Jesus.» (Apoc. 22:20).

(Continua)

Dr. A. J. Girou

É proibida a reprodução parcial dêste artigo

Por se encontrar ausente no estrangeiro, não é possível ao autor continuar neste número o artigo «Polemistas sim! mas honestos», que sairá em breve.

A Redacção

# Através do mundo adventista

**A Divisão Sul-Europela nos últimos dez anos** — Durante os últimos dez anos estabeleceu-se o trabalho nos seguintes campos: Camarões (1928-29), Seichelas (1930), Madeira (1931), Açores (1934), Cabo Verde (1935), Reúnião (1936), S. Tomé (1938). Foram levados a efeito os projectos dos seguintes edifícios de maior envergadura: Paris, escritórios da conferência e capela, com alojamento para obreiros (1931), escola de obreiros na Roménia (1931), capela em Basileia com habitação para um obreiro (1931), capela em Antuérpia, com habitações para obreiros (1934), «Vie et Santé», Algiers (1935), Zagreb (1935), melhoramentos na Casa Publicadora Francesa (1935), em Belgrado escritórios da União, Casa Publicadora e Capela, com habitações para obreiros (1938), Bucarest, escritórios da conferência e capela, com habitações para obreiros (1938-39), em Florença capela e escritórios da União (1938-39); e 25 projectos de missões. O número total de obreiros evangelistas subiu de 531 para 754, ou 996 incluindo empregados da instituição e das nossas escolas. Durante este período 28.015 pessoas entraram nas nossas fileiras por baptismo ou voto, foram organizadas 336 novas igrejas com um aumento de 16.639 membros. Será também interessante saber que o total dos membros das igrejas da Divisão Sul-Europeia em 1 de Janeiro de 1929 representava apenas 4,9% do total dos membros da denominação naquela altura, e que o ganho alcançado durante estes dez anos na Europa do Sul representa 10,4% do ganho obtido no mesmo período no mundo inteiro.

## Collongas: ano lectivo de 1939-40

— Apesar de todas as ameaças de tempestade, as aulas abriram em 4 de Outubro com 66 alunos. Dois professores foram mobilizados desde o princípio; outros dois foram chamados mais tarde. Muitos dos alunos foram para a frente da batalha, sobretudo no norte da França.

Logo desde o princípio o território onde a escola se encontra foi considerado «zona de guerra». Não obstante, organizou-se a Campanha do Outono. O Alvo proposto fôra de 8.000 francos; os alunos obtiveram porém no meio de circunstâncias adversas o total de 12.475 francos.

Ao terminar o ano escolar foram baptizados seis estudantes, e foram conferidos diplomas a oito alunos prontos a trabalhar na seara do Mestre.

**Europa do Norte** — A respeito das perplexidades levantadas devido às hostilidades da Europa Setentrional, escreve o irmão G. E. Nord: «A nossa Divisão foi muito duramente atingida. A Polónia pode dizer-se que já não existe, a Finlândia ficou de-veras arruinada, as províncias do Báltico estão sob a influência de outro país, a Dinamarca e a Noruega foram invadidas e encontram-se também sob o domínio de outro poder. É difícil planear ou saber que fazer sob tais circunstâncias. Aqui na Grã Bretanha temos ainda o privilégio de continuar a fazer a Campanha do Outono, ainda que com certas restrições. A Escandinávia costuma dar aproximadamente 100.000 dólares de ofertas missionárias por ano.»

Que Deus se digne de abrir as portas à livre expansão do Seu Evangelho nas frias terras da Europa do Norte.

**A obra adventista na Noruega** — A obra adventista na Noruega foi organizada pela primeira vez em 1887, mas encontrava-se então apenas numa parte do reino. Em 1929 o território foi dividido em duas Conferências, e a organização então aceita é a que ainda subsiste actualmente.

A Conferência da Noruega Setentrional conta, segundo o anuário da Conferência Geral para 1940, 1.001 membros agrupados em 28 igrejas. A sua sede encontra-se em Trondhjem.

A Noruega do Sul compreende 40 igrejas com 2.365 membros tendo a sede da Conferência instalada em Oslo, a capital.

Juntamente com a Dinamarca, a Islândia e as Ilhas de Faroé constitui a União do Noroeste.

**Obra de Publicações da Finlândia e Suécia** — O ano de 1939 bateu o recorde na nossa obra de publicações na União Nordeste (Suécia e Finlândia), com um total de entregas no valor de 469.714 coroas suecas, ou seja 19.000 mais do que em 1938. A Finlândia fez entregas de livros no valor de 2.107.731 marcos finlandeses. Foi a primeira vez que passou a casa dos dois milhões.

Quem sabe as provas por que agora vai passar a obra adventista nestas e noutras nações que sofrem as conseqüências da guerra?

«Por seus frutos» — De um recente relatório da Jugoslávia, é interessante recortar o trabalho de 15 pregadores leigos desde que se consagraram a esta obra não há ainda muito tempo:

PRÉGADORES LEIGOS	ALMAS GANHAS
1. Jerko Lisac .....	4
2. M. Matkovic .....	15
3. Ferdo Golubic .....	19
4. Djuro Vrbanić .....	22
5. Zivojin Stajic .....	7
6. Djuro Janosevic .....	50
7. Atanas Nakovic .....	13
8. Lazar Civric .....	25
9. Filip Virtic .....	15
10. Stojan Stefanovic .....	6
11. Stojkecic Rista .....	7
12. Istvan Gombar .....	5
13. J. Schw. Budicki .....	7
14. A. Garvanovic .....	11
15. Petar Bikicki .....	16

O Irmão Djuro Janosevic, que vem na lista com 50 almas, é um simples pedreiro...

O «Conflito dos Séculos» — É um livro com uma mensagem para o nosso tempo e que deveria ser lido por todo o adventista e largamente espalhado.

Escreve o Irmão Charpiot a respeito do trabalho feito com a edição francesa: «Não há muito que um colportor decidiu experimentar-se com o «Conflito dos Séculos». Vendeu já 100 exemplares só na cidade de Bruges, Bélgica, uma fortaleza do Catolicismo. Na Suíça Francesa temos um velho irmão que há dez anos tem estado trabalhando com o «Conflito dos Séculos». Não tem conseguido trabalhar durante muitas horas, mas apesar disso tem



feito um trabalho admirável. Já vendeu mais de 3.400 exemplares.» Quere dizer que este irmão teve uma média de mais de um livro por dia, contando seis dias por semana, durante todo este período de dez anos.

«Aos pés de Cristo» — Um dos nossos colportores trabalhava entre os católicos em Quebec, Canadá, e sucedeu entrar de noite numa povoação em sua bicicleta. Um polícia, desconfiado do embrulho que via na bicicleta, foi ao seu encontro e vá de o interrogar : qual o seu nome, donde vinha, para onde ia, que trazia dentro do pacote, etc.. A tudo respondeu cortêsmente o jovem colporteur. Era necessária uma licença especial para se vender nessa terra e éle, encarregado de fazer cumprir as leis, não podia permitir que se vendesse ali sem a devida autorização. Mandou que mostrasse os livros. O colporteur mostrou-os : «O Guia Prático da Saúde», mais um ou dois e finalmente «Aos pés de Cristo». O polícia mirou e remirou este livro ; agradeceu-lhe ; encomendou o e pagou-o. E não só : mandou o colporteur descansado, que passasse uma boa noite, e que não se incomodasse mais, pois éle, polícia, iria pedir a autorização e o colporteur veria que lhe seria dada plena liberdade para poder vender os livros.

É assim que Deus através do Espírito Santo, está impressionando os corações dos homens e mulheres, abrindo possibilidades para a entrada da mensagem que nos foi confiada.

**Colporteur salvo da morte** — Narra o irmão J. C. Culpepper : Após um dia de intenso trabalho de colportagem e de remar a sua canoa através do Rio Amazonas, o colporteur Francisco Maciel bateu a uma humilde casa, onde vendeu outro livro ao seu ribeirinho morador que estava faminto da verdade evangélica.

Como bom colporteur, perguntou quanto distava a casa seguinte e o nome da família que a habitava. Foram-lhe dados as informações pedidas — a casa seguinte distava cerca de duas horas de viagem pelo rio. O colporteur Francisco entrou então na sua canoa, mas como estava cansado pensou deixá-la vogar ao sabor da corrente enquanto passava pelo sono.

Seu último cliente porém chamou-o de longe dizendo : «Tenha muita cautela. De maneira nenhuma deixe aproximar-se a canoa da cachoeira que está a cerca de uma hora daqui. Várias pessoas tem lá sido afogadas e as suas canoas com o que levavam precipitadas no fundo do rio. Tenha muita cautela, e quando chegar à curva do rio, reme para o lado oposto, onde estará livre de perigo.

Mas como ia muito cansado do sol tropical, o irmão Francisco adormeceu pacificamente, enquanto a sua canoa vogava, e em breve caiu num sono profundo que durou mais de uma hora. Subitamente foi despertado por homens que de outra canoa chamavam excitados. Perguntou-lhes que desejavam. Responderam : «Observámos a sua canoa no outro lado do rio. Vimo-la entrar e atravessar a cachoeira. Esperávamos que ela fôsse sepultada e nunca mais a víssemos. Como sucedeu este milagre ? Sabemos de alguns que se esforçaram por conduzir suas canoas através da cachoeira, mas todos encontraram morte certa. E agora V. nada fêz, até pelo contrário dormia enquanto sua canoa atravessava a perigosa cachoeira. Nunca ouvimos coisa semelhante, e não a acreditaríamos, se a não tivéssemos visto com os nossos próprios olhos.»

Então o irmão Francisco perguntou : «Conheceis Jesus ?» «Não, apenas ouvimos algumas vezes falar n'Ele. É V. Jesus ?» «Não, mas sou Seu filho.

## Departamento da Escola Sabatina

### A utilidade de um alvo financeiro na Escola Sabatina

O alvo financeiro da Escola Sabatina tem um duplo valor : educativo e administrativo.

#### Valor educativo

Para verificarmos o valor educativo de um alvo basta observar em volta de nós ou em instituições apropriadas os farrapos humanos. Estes seres vegetam sem objectivo na vida. Jamais chegarão a nada de bom. Jamais realizarão seja o que fôr de útil. Alguns são vítimas das circunstâncias, mas são a minoria ; a maior parte não se dão ao trabalho de reagir, deixam-se ir à deriva. Se alguma vez tiveram um ideal, abandonaram-no, e porque não se importam com nada, sofrem filhos, esposas, parentes. Mas que contraste reconfortante surge quando pensamos num Moisés, cujo ideal era tão elevado que *deixou o Egito porque tinha em vista a recompensa* ; ou num Paulo cuja vida inteira não é senão uma sucessão de objectivos fixos e alcançados. Esse incansável Paulo, sempre na brecha e cuja atividade intensa por tôda a parte punha em espanto os seus adversários apresenta o segredo do seu sucesso :

«Uma coisa faço e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam, e avançando para as que estão diante de mim, **prossigo para o alvo**».

É um princípio bíblico o de fixar um alvo e de empregar todos os esforços para o atingir. Não é de admirar que os que o adoptam em sua vida caminhem de sucesso em sucesso tanto no que diz respeito ao seu desenvolvimento pessoal como no que respeita ao sucesso dos seus empreendimentos. Todo o esforço perseverante unido a uma disciplina severa do espírito conduz ao sucesso, e o alvo que se fixa encoraja esta perseverança e esta disciplina.

#### Valor administrativo

Não há empresa desde a mais simples oficina de sapateiro até à grande fábrica de au-

---

Evidentemente que fui protegido pelos Seus anjos invisíveis. Eu sempre confio n'Ele, porque Éle disse : Quando passares pelas águas estarei contigo, e quando pelos rios, éles não te submergirão (Isaías 43.2). Eu vim para lhes falar de Jesus e do Seu poder salvador.» Então o colporteur Francisco vendeu um livro intitulado «Vida de Jesus». Este homem e outros estão agora interessados na verdade.

tomáveis que possa prosperar sem se propor um ou vários alvos e sem fazer concorrer os seus esforços para atingir êsses alvos. Êste princípio verifica-se na administração de nossos numerosos campos missionários. A Conferência geral e as Divisões devem estabelecer orçamentos a-fim de saber se pode ser dispendida certa importância para empregar um ou vários obreiros ou fundar uma nova estação missionária. Êstes orçamentos não podem ser estabelecidos se não se conhecer de antemão com a melhor aproximação possível qual será o montante dos donativos para as missões e êste conhecimento é tornado possível pela adopção de alvos para as colectas da Escola Sabatina. Tendo assim cada Escola Sabatina um alvo, a soma dos alvos das Escolas Sábatinas de uma Conferência constitue o alvo para essa Conferência. A União pode depois estabelecer o seu alvo adicionando simplesmente os das diferentes Conferências e a soma dos alvos das diferentes Uniões forma a disponibilidade de fundos sôbre a qual o orçamento missionário da Divisão será estabelecido. Desta maneira os cálculos são muito justos e a obra é estabilizada. Compreende-se imediatamente que é de tóda a importância que cada alvo proposto seja alcançado. Caso contrário sobreviria uma crise na administração dos campos missionários.

### Qualidades

O valor do alvo reside no facto de ser um estimulante. Não é necessário que seja muito elevado. Deve-se poder alcançar fazendo esforços sérios. Se fôr elevado demais e não se puder atingir a-pesar dos esforços atentados, o desânimo usurpa o lugar do sucesso. Mas por outro lado, o alvo não deve também ser baixo demais porque em vez de estimular para o trabalho favoreceria a indiferença. Só o esforço desenvolve e mantém as diversas faculdades do nosso ser. Ê preciso ainda que o alvo seja progressivo, isto é, que estimule a actividade para a qual é escolhido aumentando progressivamente sem todavia ser demasiado. No caso que nos ocupa o resultado será um aumento dos donativos da Escola Sabatina ou, se as circunstâncias não o permitirem, ao menos um nível estável nos donativos. Será pois necessário que em condições normais, o alvo de um trimestre seja ligeiramente mais elevado do que o do trimestre precedente, de sorte que o esforço requerido para o alcançar possa renovar-se no trimestre seguinte.

### Gráficos

Um alvo pode ter tódas as qualidades requeridas, mas se não for constantemente trazido

à lembrança perderá o seu valor. Ê preciso pois falar dêle muitas vezes. Para facilitar êste trabalho por vezes difícil empregam-se diversos gráficos que, colocados à vista de tóda a congregação, falam muitas vezes mais alto do que muitos discursos. Basta então chamar a atenção para o gráfico escolhido. Êsse gráfico será feito de tal maneira que lembrará o alvo do trimestre ao mesmo tempo que o de cada Sábado. Estabelecerá também uma comparação entre o total dos fundos que deveriam ser recolhidos se o alvo semanal fôsse sempre atingido e o total efectivo das colectas. Podem preparar-se várias espécies de gráficos : relógios, termómetros, barómetros, etc..

*A. G. Roth*

## Departamento da Colportagem

Não obstante as gigantescas dificuldades que os nossos queridos colportores deparam, os nossos bons livros continuam a irradiar luz nos lares do nosso país. Não podemos dizer que os mensageiros da página impressa se encontrem desanimados, a-pesar-de vivermos em tempos dos mais angustiosos por que tem passado êste velho mundo. Mais do que nunca, temos a firme certeza de que o Senhor está ao nosso lado, pois no meio das dificuldades, temos vendido nestes dois últimos meses, cêrca de 10.000\$00 de livros, o que representa um grande esforço.

Alguns dos nossos irmãos têm feito interessantes experiências, em procura de certas classes de pessoas que pouco tenham sido abordadas, e tem dado excelentes resultados, em especial em Lisboa. Cito o irmão Ataíde Candeias, na visita sistemática aos barcos portugueses que chegam dos diferentes portos da África, Brasil, Ilhas e até do estrangeiro, sendo raro o barco onde êle não tenha vendido um bom número de livros grandes. Como podeis imaginar, o nosso irmão está cada dia espregando a chegada de novos barcos, a-fim-de repetir as proezas anteriores.

«Possas o Senhor ajudar cada um a desenvolver ao máximo os talentos confiados ao seu cuidado. Os que trabalham nesta causa não estudam a Bíblia como deveriam. Se o fizerem, os seus ensinamentos teriam uma influência positiva sôbre a sua vida. Qualquer que seja o vosso trabalho, caros irmãos e irmãs, fazei-o como para o Mestre e o melhor que puderdes. Não passeis por alto as áureas oportunidades presentes, deixando que a vossa

vida se demonstre um fracasso, enquanto vos sentais preguiçosamente sonhando com facilidade e êxito num trabalho para o qual Deus nunca vos adaptou. Fazei o trabalho que vos está mais próximo. Fazei-o, ainda que esteja entre perigos e aflições no campo missionário; mas não vos queixeis, eu vos peço, das dificuldades e sacrifícios. Olhai para os valdenses. Vêde que planos delinearão para que a luz do Evangelho pudesse brilhar em mentes entenebrecidas. Não devemos trabalhar com a esperança de receber a nossa recompensa nesta vida, mas com os nossos olhos firmemente fitos no prêmio que será dado ao fim da carreira. Agora são precisos homens e mulheres que sejam tão fiéis ao dever como a bússola ao polo — homens e mulheres que trabalhem sem ter o caminho aparelhado e removido todo o obstáculo» (*O Colportor Evangelista*, 59, 60).

Recomendo aos nossos prezados irmãos colportores a leitura dos seguintes belos livros da irmã White: *Obreiros Evangélicos*, *Serviço*

*Cristão*, mas especialmente *O Colportor Evangelista*, que tão bons ensinamentos contêm a-fim de nos guiarem na senda do bem e nos espiritualizarem nestes dias de provação difícil.

Rogo aos prezados irmãos e leitores da revista, o especial favor de incluírem nas suas orações diárias os nossos queridos colportores, bem como êste vosso servo; oremos por uma experiência mais elevada; oremos por uma maior consagração; oremos por um zêlo constante ao serviço do Mestre; oremos pela continuação da liberdade que estamos gozando; oremos pela paz do nosso país e do mundo, e oremos por uma vitória sôbre tôdas as dificuldades, sem desfalecimento.

Que a bênção de Deus, a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo e a comunhão do Espírito Santo sejam com o nosso departamento, bem como com cada colportor, são os votos sinceros do vosso conservo no Senhor.

*J. S. Grave*

## PARA OS JOVENS

# ALMAS DO OUTRO MUNDO

Durante os longos serões do inverno as horas vão decorrendo lentas para os camponeses reunidos em volta da lareira onde crepita o apetecido fogo, amigo certo de ricos e de pobres.

O escabelo do viajante retardatário fica muitas vezes vazio. Os próprios mendigos de cada vez são mais raros. A cidade atrai-os e mais do que um trocou a cama de feno e de palha que encontrava nos celeiros dos casais disseminados ao longo dos caminhos, pelo asilo nocturno que lhes oferece a cidade.

Há trinta ou quarenta anos, eu gostava de me assentar à lareira e, com os olhos bem abertos, ouvir as histórias que os velhos da aldeia tinham já tantas vezes contado, que as repetiam como ladainhas desfiadas no fundo de um claustro por vozes que apenas se ouvem em sonhos.

Nestes contos, misturam-se factos autênticos com histórias imaginárias, mas os contadores acabam por não discernir o que é verdadeiro do que o não é. Deixemos no esquecimento as histórias feitas para distrair os grandes ou para atemorizar os pequenos; eis uma autêntica sob

todos os pontos de vista. Como se poderá ver, trata-se de almas do outro mundo.

Num lugarejo de Larzac, viviam um trabalhador e sua mulher. Conheci-os e lembro-me que lhes chamavam os «Capus». Ignoro se era êste o seu verdadeiro nome ou apenas uma alcunha. Sua filha única preferiu a cidade e, antes dos vinte anos, para lá dirigiu seus passos, lá perdeu a alma e aos vinte e cinco seu corpo estiolado ia repousar na vala comum.

Chegou a notícia ao lugarejo, lenta e lúgubre, como um carro fúnebre; o caseiro e a mãe amargamente choraram seu pobre filho pródigo. Mas os dias abafaram os soluços e a caseira mais calma pensou então que o costume mandava que quando se tem um luto é preciso vestir de preto. Falou nisso ao marido, a quem a avareza logo tornou surdo. No dia seguinte, a caseira aparafusou o seu pobre cérebro a ver se dêle fazia sair o meio de obter da bolsa de seu esposo os poucos francos que lhe faltavam para comprar a toilette que satisfaria ao hábito e à sua vaidade — essa vaidade que reina em muitos cérebros e que reina mesmo no luto. Passou pela mente as histórias que se conta-

vam quando em pequena ela velava junto à lareira. Súbitamente sua testa franziu-se com três rugas, seus lábios tornaram-se mais compridos, seus olhos pestanejaram e tôda esta mímica queria dizer: «Achei!»

Na noite seguinte, quando na alcova ancestral, por detrás das cortinas de cretone, o sono tornava regular e profunda a respiração do camponês fatigado, sua mulher beliscava-se nas costas para não adormecer. Quando o ritmo sonoro do ruído que saía das narinas de seu companheiro lhe deu, de sobra, a certeza de que tinha caído em sono profundo, muito devagarinho estendeu o braço e, com os dedos separados, uma vez, duas vezes e depois três... passou-os pela fronte, nariz, bôca e queixo de seu vizinho. Êste último roncou, voltou-se, tornou a voltar-se e adormeceu de novo. A caseira recomeçou êste exercício bizarro uma segunda vez... depois uma terceira e adormeceu também.

Na noite seguinte renovou seus passos digitais sôbre o rosto de seu marido que despertou de cada vez. Durante quatro noites consecutivas, o campônio sentiu passar sôbre o rosto uma mão que lhe parecia fria, muito fria, como gelo.

Já não dormia tranqüilo, o sono não vinha, e em seu rude cérebro emaranhava um amontoado de contos em que almas do outro mundo e demônios voltavam em sarabanda. Um armário de madeira de cerejeira teve alguns ruídos que lhe pareceram terrivelmente lúgubres, e decidiu falar do caso a sua mulher que, encolhida contra a parede, não dizia palavra, fazendo semblante de dormir. Ela tinha um desses nomes muito populares no campo, chamava-se Gertrudes. E eis que um diálogo se travou atrás das cortinas de cretone: «Gertrudes! oh Gertrudes!...»

— «Que queres?», respondeu ela, tôda trêmula. — «Ouve, Gertrudes, não sentiste nada esta noite e nas noites atrasadas?» — «Quê! Tu também sentiste alguma coisa?» — «Sim, há algumas noites que uma mão gelada passa e repassa pela minha cara... e agora, ouvi um ruído no quarto... não sou capaz de dormir...» — «Ah! meu pobre marido, eu também não! Não ousava falar-te nisso com medo de que me chamasses doida... mas há muitas noites que não posso dormir... e quantas vezes senti essa mão fria arranhar-me a cara!...» — «Que será isto?» — «Ah! não sei, mas pensei na nossa morta, na nossa pobre filha... vê tu, Firmino (assim se chamava o caseiro), não mandámos dizer missas por sua alma... e, por falta de dinheiro, não pude mandar fazer vestidos de luto... Oh! meu pobre marido, se isto continua, não poderemos mais viver tranqüilos...»

Ambos estavam a pé uma hora mais cedo do que de costume, e o marido, convencido pelas palavras de sua Gertrudes, sentiu-se vaidoso por ter uma companheira que possuía em tal grau a intuição do que devia ser uma verdade. Deu vinte francos para mandar dizer missas em favor da defunta e trinta francos para um vestido e um chapéu de luto. O estrategema tinha surtido efeito. A maliciosa camponesa atrelou o cavalo à velha carroça e, algumas horas depois, estava na cidade, comprava um vestido de vinte e cinco francos, um chapéu de oito francos, pagava adiantado o feitiço de seu vestido, sete francos e cincoenta, comprava um par de botas do mesmo preço, e almoçava na venda com os dois francos que lhe restavam dos cincoenta que seu avaro mas supersticioso marido lhe tinha entregado. Desde êsse dia, a mão gelada não se fez mais sentir.

Quem me contou esta história foi minha mãe, que por sua vez a tinha ouvido da própria maliciosa camponesa. A partir desse momento já não acreditei mais em almas do outro mundo.

Mas não se dão casos verdadeiros?... Perfeitamente! Mas esperai — tenho mais uma história e não foi ao canto da lareira que a ouvi, mas foi um entomologista que me contou.

Crianças impressionáveis ou crianças nervosas têm dito de certas casas que são frequentadas por almas do outro mundo ou visitas diabólicas, porque quando suas orelhas pousavam sôbre o travesseiro, ouviram pequenas pancadas repetidas tomando no silêncio da noite proporções aterrorizadoras. Ao levantarem-se, falavam do caso aos amigos, e êstes, incrédulos a princípio, vinham uma noite para verificar, ou punham-se à escuta todos juntos, retendo a respiração para ouvir bem e, oh terror!, «toc! toc! toc! toc!...» as pancadas renovam-se, são regulares; não se pode duvidar, umas vezes é na madeira da cama que elas são dadas, outras por debaixo do tapete ou nos barrotes do teto.

Não há dúvida, alguém bate com pequenas pancadas e só os surdos se não convencerão. Uns vão misteriosamente proclamar que o diabo está naquela casa, outros que são almas do outro mundo e vão consultar a feiticeira... Abandonada a casa, ninguém a quere alugar, nem mesmo habitar de graça!

Mas na realidade de que se trata?... De uma coisa de bem pouca importância. Há simplesmente um bem pequenino sêr que se chama *anobium tessalatum* ao qual se deu o sobrenome macabro de *relógio da morte*. O que lhe valeu êste sobrenome na classe popular foi que o ruído que êle produz, pequenas pancadas, é

considerado, pelos supersticiosos, como o anúncio de morte próxima.

Para que faz este insecto um tal barulho nocturno? Muito simplesmente, dizem-nos os naturalistas Becker e Taschenberg, para fazer conhecer à sua companheira o local onde se encontra; é a sua maneira de se anunciar. Seu minúsculo cérebro sabe procurar, de preferência, um pedaço de tapete bem sêco e estendido cuja cola sêca dá uma certa sonoridade ou ainda uma lasca de madeira num velho barroto ou em qualquer móvel. E' um autêntico exercício de atleta que o insecto tem de fazer para chegar a produzir as suas seis pancadas por segundo:

- 1.º recolhe as antenas;
- 2.º dobra as patas intermédias;
- 3.º apoia todo o peso do corpo sôbre as patas médias;
- 4.º abaixa-se e freneticamente dá a pancada que produz o desejado ruído.

O seu nome vulgar de «broca» vem-lhe, dirá o dicionário, do facto de que o insecto depõe suas larvas numa madeira morta e que estas saem abrindo um buraco semelhante ao que faria uma broca.

Como acima disse, na idade média, êste coleóptero foi denominado «relógio da morte» porque muitas pessoas de sono leve, como é o caso dos velhos, ouvindo êstes ruídos insólitos e repetidos, os tomavam, em seu espirito supersticioso, como um apêlo dos mortos e convencidos de que a hora da sua passagem tinha soado para êles, alguns acharam que nada tinham de melhor a fazer do que morrer!

Eis, prezados jovens leitores, fenómenos que têm feito levantar os cabelos a muitas pessoas jovens e velhos. A caseira e a «broca», uma por manha, outra por acção do seu instinto, fizeram aceditar nas almas do outro mundo, e, ao canto da lareira ancestral, estas histórias ditas e reditas, ampliando-se a cada repetição, tornaram bem medrosas as crianças que as ouviam, e o mêdo de grande número de pessoas não tem outra origem que não sejam estas falsas histórias de almas do outro mundo.

Deixo um lugar muito pequeno em minha mente aos fenómenos ditos «espíritas» mas êsses são bem raros e nada têm de temível para os que conhecem e servem a Deus segundo as luzes do Evangelho. Podemos pois viver e dormir sem mêdo. «O anjo do Senhor se acampa ao redor dos que O temem» e esta declaração deve bastar para nos manter numa calma perfeita.

*Dr. A. J. Girou*

## Razões porque os adventistas do sétimo dia deverão ter confiança em nossos princípios sôbre a saúde

Os princípios sôbre saúde são uma parte histórica daquilo que crêem e ensinam os Adventistas do Sétimo Dia. Êstes princípios vieram até nós como resultado directo da inspiração divina. Há certas formas distintas desta mensagem que a tornam diferente de todos os outros sistemas religiosos. Como exemplos mencionaremos a reforma do sábadó, a prègação da tríplice mensagem angélica, a segunda vinda de Cristo e o estado do homem na morte.

Nos anos mais recentes, o próprio mundo veio a compreender que os ensinós e práticas dos Adventistas do Sétimo Dia implicam importantes princípios sôbre saúde. *Muitos indivíduos estão hoje ensinando e defendendo alguns dêstes princípios; grandes instituições têm sido fundadas, ou ao menos em parte, para a prática dêstes princípios. Em muitos hospitais de alienados usa se actualmente a hidroterapia como meio para tratar os doentes mentais. O mundo está cada vez mais compreendendo e apreciando êstes princípios.* Quão importante é que cada crente não só creia nêles, mas também os pratique!

«Quando a terceira mensagem é aceita em sua plenitude, a reforma higiênica terá seu lugar nas reuniões sociais, no trabalho da igreja, no lar, à mesa e em tôdas as actividades domésticas. Então o braço direito servirá e protegerá o corpo.» — *Test.*, vol. VI, p. 327.

Os princípios da reforma higiênica apoiam-se em bases sãs, racionais e muito compreensivas. «Ar puro, luz do sol, abstinência, repouso, exercício, regime apropriado, uso de água, confiança no poder divino — eis os remédios verdadeiros. Cada pessoa deve ter conhecimento dos agentes curadores da natureza, e saber como empregá-los.» — *Ministry of Healing*, p. 127.

Posso lembrar-me muito bem de que, quando era menino, os adventistas eram ridicularizados, chamando-se-lhes «comedores de tarelos». Hoje, grandes sociedades gastam avultadas somas para propagar e produzir productos integrais. Explicam aos seus consumidores os motivos porque êstes productos são mais saudáveis e nutritivos. É salientado por elas o valor dos minerais e das vitaminas. O uso de frutas e de productos vegetais é defendido por muitos.

Milhares de pessoas encontram recursos em nossos sanatórios e instituições de saúde para auferir benefícios dos regimes racionais, bem como dos tratamentos empregados com o fim de lhes restaurar a saúde. Até os médicos do mundo reconhecem o valor de nossos sistemas de tratamento.

Logo depois da grande epidemia da influenza, em 1918, visitei um médico em sua casa. Ao contar-me suas experiências, mostrou-me o seu livro onde estavam registados os chamados a que atendera. Este homem havia atendido a chamados de dia e de noite, visitando grande número de pessoas que esperavam pelos seus serviços. Enquanto falava comigo, disse-me o seguinte: «Certo dia, ao voltar ao meu consultório, percebi que eu mesmo havia contraído a influenza. Estando exausto devido aos muitos dias de trabalho incessante pelos outros, sabia que o meu caso não era fácil de tratar. Dirigi-me ao telefone e chamei pelo sr. F. (o qual conheci pelo nome que era Adventista do Sétimo Dia, membro duma igreja daquele lugar, e que era maquinista), e contei a este senhor que estava com a influenza, e que iria para casa a fim de ficar de cama. Pedi, então, que fôsse tratar-me com fomentações quentes, e, caso eu ficasse inconsciente, deveria continuar os tratamentos até eu morrer ou melhorar.» Este médico não estava disposto a entregar o seu próprio caso a remédios que elle mesmo receitara a outros, mas dirigiu-se a um

Adventista do Sétimo Dia, cuja preparação médica consistia em sua habilidade em aplicar fomentações.

O facto de o mundo chegar a apreciar e a defender mais e mais estes princípios é uma razão porque os adventistas devem ter confiança nêles. Chegou o tempo em que cada crente nesta mensagem deve ser um sincero e ardente defensor dos bem divulgados e correctos princípios que são defendidos por esta denominação. Apelamos hoje aos membros de tôdas as nossas igrejas, ao ser considerado este importante assunto, para que dêem tôda a atenção aos princípios de saúde. Deve haver uma perfeita compreensão do grande facto de que o nosso corpo é o templo do Espírito Santo. Devemos viver à altura dos princípios da saúde, para que o nosso corpo seja conservado em estado de saúde e eficiência, e desta maneira sejamos habilitados a prestar um serviço melhor e mais proficuo para o Senhor. Se os membros estudarem diligentemente os ensinamentos da irmã White sobre o assunto, ficarão bem instruídos nesses princípios e aprenderão a viver duma maneira saudável. Assim, as palavras da mensageira do Senhor occuparão um lugar mais vasto na vida e experiência de cada crente. «Foi-me mostrado que a reforma da higiene é um dos ramos da grande obra que há de preparar um povo para a vinda do Senhor», disse ella.

*J. L. McElhany*

## NOTÍCIAS DO CAMPO

Por enquanto nada podemos acrescentar a respeito de Assembleias, visto que as dificuldades para a vinda de nossos irmãos da Divisão subsistem ainda.

— O nosso prezado Irmão Girou, presidente da União Portuguesa, encontra-se ainda em Madrid, aguardando autorização para voltar ao nosso meio. Sua esposa e filhos, depois de atravessar a borrasca que sobre a França caiu, continuam de saúde.

### Conferência Portuguesa

**Lisboa** — Ainda que um pouco tarde não queremos deixar de mencionar que durante mais um ano funcionou com animação e aproveitamento o nosso Curso Bíblico, frequentado por 15 alunos, cujo ano lectivo terminou em princípios de Maio.

— As secções primária e secundária do Instituto Académico Adventista tiveram este ano a bela frequência de 90 alunos. Alguns dos alunos apresentados a exame mereceram de seus examinadores os melhores elogios, facto deveras lisonjeiro para os

professores da nossa escola. Simultaneamente com a instrução literária foi-lhes administrada intensiva educação cristã, que esperamos resultará em abundantes frutos espirituais tanto para alunos como para suas famílias.

— No mês de Maio registaram-se nesta igreja 18 baptismos, 6 dos quais de jovens que vão procurar consagrar ao Senhor a sua vida inteira.

— Tivemos durante aproximadamente um mês o prazer da visita do nosso Ir. Hermanson, que vinha acompanhado de sua esposa e filhinhos.

— De passagem para a América do Norte, visitou-nos também o Ir. E. R. Colson, tesoureiro da Divisão Norte Europeia, que apenas três meses depois de partir de Copenhague conseguiu chegar a Lisboa, devido às dificuldades da guerra.

— No dia 7 de Julho faleceu após alguns meses de atroz sofrimento o nosso saudável irmão Manuel Albino. Até ao fim deu nos sempre o exemplo de uma resignação verdadeiramente cristã e de uma fé sempre viva.

Repousa no cemitério de Bemfica.

**Portalegre** — O Ir. Viegas, que se encontra nesta igreja desde Julho de 1938, tem experimentado as bênçãos do Alto sobre o seu trabalho. Neste espaço de tempo teve o privilégio de ver entrarem nas águas do baptismo 38 preciosas almas.

Os grupos de membros vão aumentando nas aldeias vizinhas: 21 na Ribeira de Niza, 10 no Reguengo, etc..

Escreve nos o dito irmão: «Actualmente o nosso trabalho é realizado em oito lugares, que são os seguintes: Portalegre, Ribeira de Niza a 6 kms, Reguengo a 6, Covas de Belém a 3 (devo dizer que nas Covas de Belém é trabalho do Ir. Eliseu), S. Julião a 25, Galegos a 23, Urra a 8, Fortios a 7, perfazendo estas distâncias um total de 78 quilómetros, ou ida e volta 156. Multiplicando estes 15: kms pelas vezes que ali vamos, temos aproximadamente 500 kms por mês a percorrer para mantermos este trabalho.

Bastantes dificuldades e por vezes hostilidades sofrem os nossos irmãos das aldeias vizinhas por seguirem a Jesus Cristo. Alguns dos nossos irmãos e interessados são ameaçados pelos proprietários das terras e casas onde habitam de lhes ser aumentada a renda ou serem postos na rua, só por má vontade religiosa. A uma nossa irmã já o senhorio aumentou a renda para o dobro com o seguinte pretexto: isto é por ser adventista. Uma família disse-nos ultimamente o seguinte antes do seu baptismo: «Sabemos o que nos vai suceder; é tirarem-nos a fazenda. Mas não importa, seja o que Deus quiser.»

No Reguengo temos outro valente jovem que ultimamente se baptizou mas que já há muito nos acompanha para todos os lados na sua bicicleta, gastando pneus, fôrças e tempo, visto que agora no verão muitas vezes chegamos a casa às três da manhã. Era um escarnecedor, mas o Senhor tocou-lhe o coração e sucedeu-lhe o mesmo que a S. Paulo. É por isso que eu desejo uma boa assistência às nossas reuniões ainda que seja de escarnecedores, porque Deus pode fazer deles o que fez do nosso Júlio Bilé.

**Pôrto** — Escreve o Irmão Otto Ide: «Como em todos os campos da Conferência Portuguesa, assim também no território do Norte, Pôrto e arredores, vê-se como o Espírito de Deus trabalha. Nas perspectivas presentes, notamos cada vez mais que é o poder de Deus que nos deixa cantar vitórias.

Já na última *Revista Adventista* se publicaram algumas palavras sobre a abertura de uma nova sala em Avintes, cerca de 10 quilómetros do Pôrto. Foi no último ano quando daí as primeiras almas se entregaram ao Senhor. Logo pensámos que com a ajuda destes nossos irmãos poderíamos fazer a obra de evangelização nesta aldeia. Um irmão ofereceu-nos a sua propriedade e com um pouco de propaganda tivemos logo umas boas reuniões. Como a assistência aumentava cada vez mais, e a multidão até fazia estragos no campo do nosso irmão, não quisemos admitir tal e mudámos então para a casa de uma outra irmã. A boa assistência continuava, mas como a casa está situada numa estrada de passagem, muitas vezes ficávamos incomodados com ditos e barulhos. Pensámos então em alugar uma casa própria. Deus preparou-nos um lugar admirável, e no melhor local da freguesia, em frente do Cruzeiro histórico de «Nossa Senhora do Bom Sucesso».

Quando o Presidente da Conferência viu a sala, achou a casa bem conveniente. Mas o problema era: Como mobilar a casa? A Conferência não tinha fundos. Passaram-se meses sem resolução definitiva, e nós com receio que a casa fôsse para outros. De-

pois, certo dia, recebemos uma oferta especial de 500\$00 para o fim em maior necessidade da obra. Pensámos logo em Avintes. faltava agora autorização para alugar a casa, e entretanto que esta foi dada pelo conselho, outro donativo de 100\$00 foi-nos entregue. Era o momento de pôrmos mãos à obra. Outros irmãos também se ofereceram com o seu trabalho, e ainda outro irmão ofereceu-nos um lindo púlpito conforme nosso desenho. Hoje vamos com grande alegria como esta sala se enche de almas nas reuniões dos domingos à tarde e quartas-feiras à noite. Não esperávamos tanto como o que se vê, e Satanás com todo o seu ódio procura agora apagar e fechar esta fonte de Luz do Evangelho.

Não podemos passar nas ruas sem ser insultados com os seguintes gritos: «Seita Negra», e outros boatos circulam por tôdas as partes.

Até chegou a sair uma procissão de velas como opposição, e que terminou no cruzeiro em frente da nossa casa, e quando nós cantávamos hinos de louvor ao nosso Criador, a multidão cantava «Avé, Avé», à Virgem. Não é hoje sem dificuldade que abrimos novos campos, mas lembramo nos das palavras do Mestre: «Bem-aventurados sois vós quando vos injuriarem e perseguirem, e mentindo disserem todo o mal contra vós por minha causa. Exultai e alegrai-vos porque é grande o vosso galardão nos céus.» (Mat. 5:11,12).

Temos também num outro lugar — Devezas, Vila Nova de Gaia — semanalmente reuniões muito bem frequentadas, em casa de um amigo nosso. Como na sala há apenas lugar para cerca de 35 pessoas, não pode ser admitida a entrada a todos que gostariam. Só quem tem o convite para a respectiva reunião pode assistir.

Ainda há outros interessados e irmãos na Póvoa de Varzim e na Senhora da Hora, que aguardam a nossa visita de 15 em 15 dias.

E por último também na cidade do Pôrto almas estão interessadas e preparam se para o baptismo. Estamos contentes na esperança de ver em breve como alguns membros da classe baptismal se entregam ao Senhor.

Irmãos e crentes no Senhor, orai pelo trabalho no Norte de Portugal.»

**Vila Real de S.<sup>to</sup> António** — É com grande regozijo que escrevemos a notícia da reabertura da nossa sala nesta vila. Com autorização dos Ex.<sup>mos</sup> Srs. Governador Civil e Administrador do Concelho, continuam realizando-se as nossas reuniões com grande concorrência e bom espírito cristão. Continuam também efectuando-se reuniões regulares na aldeia vizinha da Conceição. Não só o Ir. Lutero Simões e os irmãos de Vila Real, mas também nós, temos motivo de sobra para agradecer a Deus por mais esta prova da Sua assistência.

**Coimbra e demais igrejas** — Por falta de espaço não inserimos ainda hoje o artigo do nosso prezado irmão Sommer. Queira desculpar-nos e teremos o prazer de o ler no próximo número da nossa *Revista*.

Aguardamos ainda notícias das demais igrejas, que no entanto sabemos continuarem animadas de um belo espírito cristão.

**Experiência de um colportor** — O nosso Irmão Arlindo Miranda encontrava-se em Aveiro, em circunstâncias um tanto críticas. Trabalhava com o jôgo de «Aos pés de Cristo» e «Filhos do Macaco ou Filhos de Deus?». Diz êle: «Fui para meu quarto. Tomei os livros nas minhas mãos e

apresentei-os a Deus. Pedi-Lhe que me ajudasse a colocá-los. Mostrei-Lhe a minha situação, falei-Lhe da minha vida e não Lhe ocultei o meu pecado. Enfim, orei com fervor. Coloquei-os dentro da pasta. Eram 9,20 quando atravessava a ponte e me dirigia a uma terra que dista 6 ou 7 quilómetros — Gafanha. Pelo caminho ia cantando alegremente. Começaram a aparecer as primeiras casas. Bati a uma de aspecto regular. Apareceu uma senhora e o marido. Ela opunha-se a que o marido comprasse. Depois, quando chegou a vez de apresentar «Aos pés de Cristo», virei-me para ela e disse-lhe: — Minha senhora, aqui está um livro para si. Fiz-lhe uma boa apresentação e quasi que li capítulos inteiros. Depois ela apresentou-me as suas dificuldades e que lhe era impossível comprar o livro. Tinha pena mas não podia. Há porém uma frase dela quando estava contra o marido que não posso deixar de lhe dizer.

Disse ela: «Mas êsse livro ensina a ganhar dinheiro?» Eu respondi: «Sim, minha senhora. Êste livro ensina-nos a amar a Deus e a Jesus. Se Lhe formos fiéis e obedientes Ele nos dará não só dinheiro mas até tudo quanto precisarmos.» Foi com êste pensamento que deixei esta casa. «Se formos fiéis êle nos dará tudo.» Tinha feito a primeira apresentação. Depois de ter feito mais *nove* tinha os livros vendidos. Vi a mão de Deus sobre mim. Então cantei com mais fervor:

«Glória a Deus, glória ao Omnipotente,  
Glória ao grande e bondoso Senhor;  
Glória a Deus, porque é Pai, porque é Clemente,  
Glória a Deus entre cantos de amor.»

Foram 3 jogos que levei. Foi pena, porque se mais levasse mais colocava. Quando cheguei a Aveiro eram 2 horas e 25 minutos. Paguei a minha pensão e já aqui estou contente no Senhor.»

### Missão da Madeira

Escreve o seu director, irmão E. V. Hermanson: «A pesar da grande crise que atravessamos na Madeira, nosso trabalho continua normalmente. Os irmãos estão de boa coragem, reconhecendo nos acontecimentos actuais o cumprimento das profecias bíblicas. Deus tem sido bom para com Seu povo e os nossos irmãos através de suas dificuldades têm reconhecido que Deus ouve e atende as súplicas daqueles que n'Ele confiam e O buscam.

Há pouco tempo sofremos duas dôres com o falecimento da mãe da irmã Alda Marques. Mas confortamo-nos com o pensamento de que Deus permitiu isso para terminar os sofrimentos daquela pobre septuagenária, recordando-nos das palavras de Apcc. 14:13: «Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor... para que descansem dos seus trabalhos.» Estava interessada na mensagem e em sua enfermidade procurou o conforto da Palavra de Deus, preparando-se para o repouso da morte.

Igualmente causou nos tristeza a notícia do falecimento da Sr.<sup>a</sup> D. Maria de Sá Freitas, estremosa mãe da nossa jovem irmã Adelaide. Estava-se preparando para seguir a Verdade quando adoeceu, há uns três meses.

A todos os queridos enlutados renovamos nossos sentidos pêsames.

Tem sido motivo de grande alegria para todos a mensagem contida nas experiências relatadas durante a hora missionaria no intervalo entre a Escola

Sabatina e o Culto, aos Sabados. Essas mensagens, relatadas por jovens e adultos, não só servem para instruir como também refrescam nas nossas mentes as possibilidades e necessidades no campo das actividades missionárias da igreja do Funchal. «Lança o teu pão sobre as águas, porque depois de muitos dias o acharás.»

## Atenção

Mais uma vez lembramos aos prezados irmãos da União Portuguesa que ao nosso campo se destina o excesso das ofertas do 13.º Sábado.

Façamos projectos para que a oferta de então possa ser avultada e contribuir eficazmente para o progresso da obra em Portugal.

### SUMÁRIO

Significado espiritual da Campanha do Outono .....	1
O que nos resta fazer.....	2
Poderá basear-se na Biblia o apêlo em favor das Missões? .....	2
Semana de Consagração .....	3
Sobre Apocalipse 7:1-3 .....	4
A Pontuação.....	5
Através do mundo adventista .....	8
Departamento da Escola Sabatina ....	9
Departamento da Colportagem .....	10
Para os jovens: Almas do outro mundo	11
Razões porque os adventistas do sétimo dia deverão ter confiança em nossos princípios sobre a saúde.....	13
Noticias do campo.....	14

### REVISTA ADVENTISTA

Órgão exclusivamente religioso e de informação da União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia

Publicação bi-mestral

Director: *Dr. A. J. Girou*

Redactor: *Ernesto Ferreira*

Administrador: *P. Brito Ribeiro*

Redacção e Administração,  
Rua das Picoas, G. F. C., 3.º — Lisboa-Norte

Número avulso..... 1\$00

Assinatura anual..... 5\$00